

27-05-2024

Um tal Bié e sua Vida migrante

- retrato da vida da classe trabalhadora -

John Carlos Alves Ribeiro

[Professor. Instituto Federal de Goiás. Membro do Dona Alzira]

Aos dois anos de idade pus meus pés pela primeira vez em Goiás.

Para aumentar o simbolismo do que viria a ser minha conversão à goianidade, cheguei, primeiramente, à Cidade de Goiás, ou Goiás Velho, como aprendi a chamá-la através dos meus pais. Cheguei então a Goiás para aos poucos me tornar goiano. Aprendi a gostar de pamonha, de frango com pequi e de guariroba, de caçar passarinho, de pescar lambari e sumir pelo mato, me embrenhando na saroba. Fui me tornando aos poucos um goiano sertanejo, que ouve e sente a música caipira, ao ponto de chorar ao ouvir. Conseguia me ver nas letras e sofrer com as personagens em o “*Couro de boi*” (de Palmeira/Teddy Vieira, sucesso na voz de Sérgio Reis), ou com a “*Mala amarela*” (de José Caetano Herba/Paraíso, em várias interpretações famosas), com a dor do pai em “*Filho adotivo*” (outro sucesso de Sérgio Reis, composta por Arthur Moreira/Sebastião Ferreira da Silva) ou ainda com a “*Tristeza do Jeca*” (de Angelino de Oliveira, sucesso com Tonico e Tinoco, e Zezé de Camargo e Luciano). Aprendi a gostar de roça. A ir às vezes para o mato comer frutos do cerrado - araçá, mutamba, guapeva.

Na fazenda do seu Zé Castorino, ou às margens dos córregos Barro Preto ou Barro Branco gostava de fazer aventura. Era como denominávamos a invenção de pular de um barranco a outro ao longo do curso do manancial. Aproveitávamos para chupar cana às escondidas, pegar abacate, goiaba, manga, jenipapo e sair correndo afobado, para não tomar tiro de sal. Nascido em São Luís-MA, portanto, ludovicense, filho de uma paraibana de Malta-PB, criada no Maranhão, majoritariamente em São Luís-MA, mas tendo morado também em Bacabal-MA e pouco tempo em Santa Inês-MA; e de um maranhense de Porto Franco-MA, criado entre esta cidade e o Estreito-MA e Tocantinópolis-GO (que na época ainda era o extremo norte de Goiás); já vim ao mundo migrante. Dessa “mistureba” maluca, de andanças pelo Nordeste e Centro-Oeste, acabei por nascer do trânsito para nele viver e me estabelecer. Dos pais originalmente migrantes, minha vida seguiu com o signo da mobilidade impregnado na alma. Meu pai trabalhava fora, viajando, como operador de máquinas pesadas em obras de pavimentação, profissão que aprendeu logo que saiu da roça de meu avô, Seu Luis Clarindo.

- Sou patroleiro de base - dizia ele sempre orgulhoso –

E não adianta engenheiro vir teimar comigo que eu saio logo com ele na testa. O cara acha que é só fazer faculdade e ir para o trecho. Aqui quem te ensina sou eu, meu cumpade!

Com essa fala de autoridade em sua prática profissional o nome de João Bié rodou o Brasil. O sujeito que fugiu da roça no Bico do Papagaio para ganhar o mundo, rodou o país e conheceu, certamente, mais da metade dos estados brasileiros, sempre em busca de emprego onde o salário fosse melhor. E não se importava em bater de frente com encarregado ou engenheiro para impor seu ponto de vista, pois confiava na sua prática apurada, desenvolvida em suas andanças, que poderia lhe garantir novo emprego, caso perdesse o atual em algum entretanto com seus superiores.

Nessa vida errante, casou-se muitas vezes e teve 14 filhos (que reconhece e assina embaixo). Tem filhos espalhados por pelo menos quatro estados - Goiás, Tocantins, Maranhão e Minas Gerais, alguns deles já tendo migrado de um estado a outro, seja por trabalho ou por razões afetivas. E não vamos falar de netos e bisnetos que aí já entramos em escala de exportação. Há uma pequena parcela (3 netos/as e 4 bisnetos/as) resultante de migração para o Japão. Mas o que importa disso tudo é que, dentre essa filharada, estamos eu e meus irmãos, os filhos da paraibana de Malta-PB criada no Maranhão. Essa mulher fez o seu João Bié, migrante por natureza, desde o nascimento já mudando de um estado para outro, se estabelecer em Goiás. Mera coincidência, talvez. O estado em que seu João se estabelece é o mesmo em que se mudou na infância, ao deixar Porto Franco rumo a Tocantinópolis. O estado foi dividido e a parte norte virou Tocantins, mas João Bié veio para a porção sul e se fixou em Trindade-GO, na região Metropolitana de Goiânia. Para não fugir de sua sina, de migração em migração, seus filhos seguem migrando, pois sua sina se tornou também a nossa. Realizando o movimento pendular de ida e volta para Goiânia, para trabalho ou estudo, pulsando no ritmo da metrópole, a nossa vida migrante segue, pois no nosso caso, graças a união de Seu João Bié e a Dona Maria do Socorro, a migração que nos fez família.

.....
P. S.

Para encerrar essa história, uma pequena ironia do destino. O apelido Bié é definido pelo dicionário informal online como: pessoa ingênua, fácil de se enganar. Tolo. Mas, talvez não por coincidência, é o nome de uma região de Angola, país africano, talvez região de origem de povos com tais características que foram trazidos para essas terras como pessoas escravizadas. Ou seja, até mesmo na origem mais distante do apelido do patriarca de nossa família, há o signo da mobilidade, há marcas de uma vida migrante.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.

A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, a perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.